

## **Carta do Leitor: Algumas Considerações**

*Cláudio Ariovaldo Tafarello\**

### **RESUMO**

Embora comum na imprensa atual, a carta do leitor quase não foi estudada. Por isso, o presente artigo procura verificar como esse tipo de texto é tratado pelo editor e, particularmente, analisa como uma carta do leitor específica interage com o artigo de opinião a que ela se refere.

**Palavras-Chave:** carta do leitor, artigo de opinião, paráfrase, depreciativo, editor.

### **ABSTRACT**

Although it is very common on the current press, the letter to the editor hasn't been studied yet. Thus, the present article intends to verify how this kind of text is treated by the editor and mainly, it tries to analyse how an specific letter to the editor interacts with the opinion article on wich the letter refers to.

**Key-words:** letter to the editor, opinion article, paraphrase, depreciative, editor.

### **POR QUE CARTA DO LEITOR?**

Embora a carta, genericamente entendida, tenha desempenhado papel fundamental no desenvolvimento da civilização desde antes de Jesus Cristo e, atualmente, seja um dos gêneros mais escritos (os correios e a internet podem testemunhar isso com números gigantescos); embora tenha ocupado posição significativa dentro de importantes obras literárias e existam numerosas publicações só de cartas de autores consagrados, lingüistas de linhas diferentes discutem se carta é ou não um gênero textual. O fato de quase não haver estudos sobre aspectos lingüísticos das cartas nos atraiu a curiosidade.

Partimos do pressuposto bakhtiniano de que as inúmeras culturas e sociedades têm suas atividades mediadas pela linguagem, e os modos de utilização da linguagem são variados na proporção que o são as atividades humanas. Tais atividades moldam a linguagem em enunciados relativamente estáveis, os quais constituem os gêneros textuais, encontrados de forma materializada na sociedade, sendo a carta um deles, como o são o artigo, a entrevista, a crônica etc.

---

\* Pós-graduando em *Criatividade e Produção de Textos* nas Faculdades Padre Anchieta e professor do Ensino Médio na rede particular.

Silva (1997: 119) afirma podermos considerar carta como um gênero do discurso sob três níveis: a) a partir das propriedades formais do texto; b) considerando o uso desse gênero em situações reais de comunicação; c) levando em conta a *função/propósito comunicativa* com que o texto é empregado.

Embora muitas facetas possam ser consideradas na carta como a diversidade de tipos de texto nela encontrados, aqui levaremos em conta principalmente seu propósito comunicativo, a intenção do emissor ao escrevê-la.

Podemos, então, dizer que *carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico em seção fixa de revistas e jornais, denominadamente de **cartas, cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor, reservada à correspondência dos leitores*** (Bezerra, 2002: 210). Além disso, a carta do leitor se caracteriza pela ausência de contato imediato entre destinador e destinatário, atendendo a várias intenções: opinar, reclamar, elogiar, criticar etc. É um gênero de caráter aberto e de domínio público.

Isso posto, faremos algumas observações sobre a carta do leitor intitulada **República do Tietê** (*Folha de São Paulo* de 25/11/2002), de Osvaldo Lysandro Albernaz (conferir anexo I), e sobre o artigo de opinião **Paulistério Desvairado** (*Folha de São Paulo* de 19/11/2002), de Eliane Cantanhêde (conferir anexo II), por tal artigo ser utilizado como mote pelo autor da carta.

### **EDITOR: TRADUTTORE, TRADITORE ?**

Para melhor se entenderem as condições em que se publicam as cartas do leitor e aquela que analisaremos, apresentamos algumas observações sobre sua editoração e, para isso, baseamo-nos nas edições da *Folha de São Paulo* dos dias 22, 25, 26/11 e 1º/12/2002. Devido a certas interferências nos textos, nunca temos absoluta certeza de que aquilo que lemos está mantido como originalmente foi escrito – só o autor e o editor da carta é que podem ter essa garantia. A própria *Folha de São Paulo*, no alto da coluna *Painel do Leitor*, afirma que se reserva o direito de selecionar cartas e **publicar trechos\*** (grifo nosso). O leitor passa primeiro por um funil, pois só aproximadamente 17% das cartas recebidas são publicadas (conforme dados da *Folha de São Paulo* de 1º/12/2002) e, se isso não bastasse, omitir trechos fatalmente significa alterar o sentido ou amputá-lo. Além disso, é evidente que são publicadas as cartas cujos assuntos interessam ao jornal.

Todas as cartas publicadas pela *Folha de São Paulo* nas edições supracitadas cortam a saudação inicial e a despedida que, por formais que sejam, fazem, devido à sua função fática, parte do gênero. O editor também introduz um título (como **República do Tietê**), o que não é típico do gênero,

---

\*A revista *Veja* assume claramente "mexer" no texto do leitor ao afirmar que *por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente* (edição nº 1781, de 11/12/2002).

omite a data da carta (embora geralmente sua emissão – supõe-se – deva ser pouco anterior ao dia da publicação).

Se, além das referidas alterações no texto, que não são neutras em relação ao sentido dele, outras são feitas, só um estudo muito profundo e com metodologia adequada poderá concluir. Observamos, porém, sugestivas semelhanças nas cartas publicadas quanto à correta pontuação, os períodos curtos e em ordem direta, o raciocínio claro e a brevidade dos textos. Nota-se, também, que as cartas de pessoas conhecidas e importantes (políticos, juízes, empresários etc) detêm o privilégio de textos às vezes bem extensos, com estilo diferente (períodos longos, ordem inversa, raciocínio complexo e profundo) além de registrarem o cargo do destinador após seu nome.

Em tempo: todas as cartas das edições referidas contêm aspas no início e no fim e, em nenhuma ocasião, o editor fez uso do **sic**, mas isso significa que não são alteradas?

### **CARTA-PARÁFRASE**

Passando à análise particular da carta do leitor **República do Tietê**, nota-se a intenção do leitor em apoiar e elogiar (*muito oportuno o artigo de Eliane Cantanhêde*) o artigo de opinião **Paulistério Desvairado** e, por isso, a carta se constitui em paráfrase do artigo, além de apresentar algumas características próprias que apontaremos.

A essência do raciocínio é a mesma: o artigo afirma que, a exemplo do que ocorreu com FHC, Lula também formará o governo com paulistas nos principais cargos, representantes de outros Estados exercerão funções secundárias, e conclui que deveria haver *um equilíbrio da Federação nos gabinetes que decidem o futuro de uma nação inteira*.

Podemos cotejar os dois textos conforme os argumentos do artigo são reproduzidos pela carta:

#### **ARTIGO**

1. *Pernambucano, o presidente eleito fez toda sua vida em São Paulo (seguem-se vários nomes de paulistas “ministeriáveis”)*

O centro do poder político, social, econômico é/será de São Paulo e ninguém tasca.

2. *Todo mundo vivia ironizando FHC e os tucanos por fazerem um governo “de paulistas”.*

#### **CARTA**

1. *... o paulista Lula (que é pernambucano apenas de nascimento) ...*

*... a equipe será formada por paulistas. (O paulista Lula: note-se que o emissor identifica o novo Presidente com São Paulo.)*

2. *Mais uma vez os demais Estados... (Mais uma vez reporta a uma vez anterior, a FHC)*

3. Um ou outro (...) serão escalados para diversificar um pouco a foto.

... para a equipe de transição – bons técnicos do Rio (cita outros Estados)

4. Mas não se engane. Eles serão chamados na condição de assessores (ou acessórios?), para ajudar a botar a casa e a burocracia em dia.

5. ... nos cargos e nos gabinetes que decidem o futuro de uma nação inteira.

6. O país e mundo não começam nem acabam nas fronteiras de São Paulo. Paulistério Desvairado.

3. ... os demais Estados (o resto) ficarão com cargos do terceiro escalão.

... a “petezada” dos outros Estados nem questiona, achando que o paulista Lula vai implantar política (...) para as outras regiões.

4. Na verdade, os “companheiros” de Estados menores vão é colocar azeitona na empada dos paulistas.

5. Se o que for bom para São Paulo for bom para os outros, tudo bem...

6. República do Tietê

(O Tietê é, em termos comparativos, pequeno e começa e termina em São Paulo.)

O autor da carta demonstra ser bom leitor ao parafrasear o artigo repetindo o mesmo raciocínio, porém em linguagem mais simples, direta, em frases curtas e com sarcasmo, além dos elementos depreciativos a serem considerados à parte.

O artigo apresenta-se redigido de acordo com a norma culta adequada ao gênero a que pertence, notando-se a argumentação clara, a objetividade na análise, marcada pela terceira pessoa do discurso (FHC fez; vão sair os homens do poder; o país e o mundo não *começam*; eles *serão* etc), sendo a variação dos tempos explicada por se tratar de uma análise que relaciona o passado e o presente (governo FHC) e o futuro (governo Lula). Já a carta, além da primeira pessoa (*concordo*, *sugiro*), que lhe é própria, mescla a norma culta como em *diante disso* (...) *Tietê* (notar a voz passiva); parênteses bem empregados (*que é pernambucano apenas de nascimento*), com expressões coloquiais entre aspas ou não (*“petezada”, que se lixem, tudo bem, colocar azeitona na empada*). Nota-se na carta inadequação vocabular em *concordo*, que, por gerar ambigüidade, deveria ser substituído por *também acho*. O mesmo verbo *concordo* apresenta, ainda, um desvio quanto à regência culta ao se omitir a preposição *com*. Não há na carta tempos verbais no passado, pois o destinador, diferentemente da articulista, praticamente não comenta o governo FHC; os verbos estão todos no presente o no futuro, pois o mundo comentado aqui é a formação do novo governo, a qual já começou e se projeta no futuro.

O artigo, também pertencente ao mundo comentado, embora os dois primeiros verbos sejam narrativos, cita elevado número de nomes próprios de políticos a “marqueteiros”, fundamentando os argumentos, enquanto a carta só faz referência a Lula; o artigo nomeia vários Estados, a carta só nomeia São Paulo.

### **A FORÇA EXPRESSIVA DOS DEPRECIATIVOS**

Se o artigo é claro, forte, expressivo; a carta é contundente, agressiva, depreciadora, sem nenhum compromisso em agradar o leitor, que lhe é desconhecido. O artigo só é irônico no trocadilho *assessores (ou acessórios?)*, em *Paulistério Desvairado\** e um pouco em *E que graça!*, enquanto a carta cria uma acerba dicotomia entre o poder político de São Paulo e o dos demais Estados; e entre o PT de São Paulo e o PT das demais unidades da Federação. Tal oposição evidencia-se no emprego de quatro vezes do pronome *outros(as)* e uma vez de *demais*, referindo-se a outras regiões e/ou Estados. O caráter depreciativo torna-se claro nas fortes expressões *o resto, que se lixem* e *menores* (na acepção de detenção do poder) Estados. Para reforçar a dicotomia, o destinador se vale de duas vozes: aquela com a qual ele acha que o PT de São Paulo vê o Brasil (*Se o que for bom para São Paulo...*), e a voz dele mesmo, em dois enfoques, mostrando como ele vê o PT de São Paulo e como vê o PT dos outros Estados (*a petezada* ingênua que crê em Lula, *os companheiros* que vão ocupar o terceiro escalão e *colocar azeitona na empada dos paulistas*). Note-se que “companheiros”, entre aspas, repetindo o termo bastante usado por Lula, reforça a ironia.

Também *República do Tietê* é pejorativa, lembrando negativamente Collor e a *República das Alagoas* ou mesmo a *Nova República*, de Sarney, morta prematuramente com o Plano Cruzado. *Tietê* também é irônico por ser pequeno diante da grandeza dos rios brasileiros, tanto que o amazonense Macunaíma o chamou de igarapé.

O destinador não demonstra ser contra São Paulo como unidade da Federação. Ele critica um governo formado só por paulistas que governariam o País em função de São Paulo (*Se o que for bom para São Paulo for bom para os outros Estados...*); ele começa criticando a formação do governo Lula e conclui chamando de **República do Tietê** ao novo governo petista. Por outro lado, deixa implícita sua desconsideração pelo PT (*petezada, colocar azeitona*), e também se pode considerar como implícito o fato de o destinador não pertencer a esse partido político.

---

\* **Paulistério** (ministério paulista) **Desvairado** é referência a *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, o mais paulista dos modernistas. Aliás, esse livro inclui um hino de amor a São Paulo (*São Paulo! comoção de minha vida...*).

## CONCLUSÃO

Por ser empírica, ter acontecido de fato no processo comunicativo, por tratar de assunto de interesse geral (de política e, mais especificamente, da formação do novo governo); por o leitor-emissor não conhecer nem a autora do artigo comentado, nem o editor, nem os leitores; por os leitores, de princípio, não conhecerem aqueles, por não haver o comprometimento pessoal próprio de outros tipos de carta, o texto **República do Tietê** caracteriza-se como do gênero carta do leitor. O conteúdo informacional é o relevante e o leitor não escreve para a articulista, mas para o jornal – a carta é de domínio público, podendo, por ser publicada pela *Folha de São Paulo*, ter repercussão nacional, continuar um debate. O emissor não espera resposta pessoal por correio ou *e-mail*, por isso não faz perguntas, embora leitores de sua carta possam escrever ao jornal para comentá-la, e o diálogo continuará desde que as novas cartas sejam publicadas. É curioso notar que o leitor comum alcança um lugar à luz na grande imprensa, embora pequeno, expondo gratuitamente suas idéias. A carta do leitor coloca em prática a *alternância dos locutores* (Bakhtin, 1997: 294).

Alguna interferência da editoração existe e talvez se possa falar em co-autoria entre autor e editor, embora seja extremamente dificultoso avaliar em que grau existe alteração do sentido original da carta. De qualquer maneira, não se alterou o gênero – o texto continua carta.

A paráfrase, a dicotomia e os termos pejorativos não são típicos da carta do leitor, mas ocorrem no presente caso como consequência da intenção do autor-destinador: a paráfrase tem por fim apoiar/eloiar o artigo; a dicotomia visa a opor o poder político de São Paulo ao dos outros Estados; e a depreciação pretende atacar o PT de São Paulo e também os dos outros Estados. Note-se que a dicotomia, como está construída, tem força argumentativa e que os recursos lingüísticos supracitados não são casuais, pois, se as palavras lexicamente são neutras, *ao escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado, e esse todo intencional, construído por nós, é sempre expressivo* (Bakhtin, 1997: 310). O autor escolhe as palavras assim como escolhe, até de modo inconsciente, o gênero textual adequado ao que tenciona expressar, construindo para tal fim um enunciado em função do destinatário – é o que fez o autor da carta do leitor comentada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estilística da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, Maria Auxiliadora e outros. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

